

# A representação da mulher nos cem primeiros dias de governo da presidente Dilma Rousseff

p. 103 - 110

Rita Wicth <sup>1</sup>

Ercília Ana Cazarin <sup>2</sup>

## Resumo

A importância da participação da mulher em cargos de poder vem aumentando com o passar dos anos. A chegada de uma mulher ao cargo mais importante do país – a Presidência da República – abre espaço para o debate sobre a visão que a sociedade tem da mulher. A eleição de Dilma Rousseff, que em seu discurso de posse disse que veio para abrir espaço para que outras mulheres se tornem presidentas, pode contribuir para afastar a imagem ligada às funções próprias do domínio privado que ainda é atribuída à mulher. Partindo do princípio que um discurso tem o poder de formar, influenciar e/ou transformar opiniões, foram realizadas análises de pronunciamentos de Dilma nos 100 primeiros dias de seu governo, utilizando a teoria de Análise de Discurso (AD), sob a perspectiva da escola francesa fundada por Michel Pêcheux, para avaliar como a Presidente representa as mulheres.

**Palavras-Chave:** Análise de Discurso; Michel Pêcheux; Dilma Rousseff; Gênero.

## WOMEN'S REPRESENTATION DURING THE FIRST HUNDRED DAYS OF DILMA ROUSSEFF AS A PRESIDENT

### Abstract

The importance of women's role in leadership positions has been increasing over the years. The achievement of a woman as the most important role of the country - The Republic's President - give us the opportunity to debate about the society's image of the women. Dilma Rousseff's election, who, in her inaugural speech, said that she came to open space for other women to become president in the future, can contribute to diminish the common sense of the women function in private domains. Assuming that a speech has the power to form, influence and/or shape opinions, Dilma's speeches were analyzed during her government first 100 days, through the theory of Discourse Analysis (DA), under the perspective of the french school founded by Michel Pêcheux, in order to evaluate how the President represents women.

**Key words:** Discourse Analysis; Michel Pêcheux; Dilma Rousseff; Gender.

### Introdução

A chegada de uma mulher ao cargo de

maior importância em uma democracia – a Presidência da República – abre precedentes para alterar e qualificar a imagem que grande parte

---

<sup>1</sup> Jornalista pela Universidade Católica de Pelotas. E-mail: rita.wicth@gmail.com  
<sup>2</sup> Jornalista pela Universidade Católica de Pelotas. E-mail: rita.wicth@gmail.com

---

<sup>2</sup> Doutora em Letras, na área de Teorias do Texto e do Discurso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: eacazarin@gmail.com

da sociedade ainda tem da mulher. É inegável a conquista de novos espaços como a presença definitiva no mercado de trabalho e a transferência do cerne da família para o sexo feminino. Essa presença crescente da mulher, inclusive em postos de trabalho considerados essencialmente masculinos, é oriunda de uma mudança social que vem ocorrendo devido à necessidade de um estilo de vida diferente.

Entretanto, mesmo com significativos ganhos, as mulheres ainda têm os menores salários – cerca de 30% mais baixos, mesmo com maior qualificação – se comparados aos vencimentos pagos aos homens. A grande concentração da mulher ocorre em setores que a sociedade define como majoritariamente femininos: educação, saúde e serviço social. Os espaços ocupados são, geralmente, de funções que remetem à esfera doméstica, ao trabalho da mulher em casa, cuidando dos filhos, do marido, enfim, de todos os familiares.

A eleição vencida por Dilma Rousseff pode ter vários significados. Um deles é que a sociedade está mais receptiva a rever e aceitar o papel da mulher em outros espaços. Pelo fato da presidenta ser mulher, é esperado que a concepção deste gênero no imaginário social se aproxime da atual realidade vivida pelo sexo feminino, que busca, acima de tudo, o reconhecimento no âmbito profissional.

Este trabalho visa analisar a representação da mulher em pronunciamentos da Presidenta Dilma Rousseff, nos cem primeiros de seu primeiro mandato, objetivando compreender como ela as representa no funcionamento de seu discurso Presidencial. Para realizar a análise, será utilizada a teoria de Análise de Discurso (AD) sob a perspectiva da escola francesa, fundada por Michel Pêcheux.

A Análise de Discurso objetiva analisar o funcionamento de diferentes discursos, levando

em conta a ideologia como constitutiva dos mesmos. Conforme a professora e pesquisadora Eni Orlandi (2005, p.20), a AD interroga o campo da Linguística (que tem como objeto de estudo a língua) porque ela deixa de lado a historicidade do discurso; também questiona o materialismo histórico perguntando pelo simbólico, e se demarca da psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ela. A Análise de Discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto de estudo que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso.

## Uma questão de gênero?

Para localizar como a luta das mulheres por direitos mais igualitários surge no mundo, é preciso recorrer, mesmo que muito sucintamente, como e quando as questões de gênero começaram a aparecer para a sociedade. Conforme Stuart Hall, no texto *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, um tipo de mudança estrutural transformou as sociedades modernas no final do século XX. Isso, segundo o autor, está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Uma boa definição sobre gênero foi apresentada por Susana Bornéo Funck no livro *Desvendando discursos: conceitos básicos* (2007, p.183):

Gênero é decorrente da necessidade de se pensar o feminino e o masculino para além da noção binária de sexo ou diferença sexual, uma vez que tais conceitos se encontram atrelados a ideias cientificistas e, conseqüentemente, deterministas de natureza biológica. Com o termo gênero tomado de empréstimo da gramática tradicional, passa-se a contemplar o caráter social e culturalmente construído, e portanto contingente, da feminilidade e da masculinidade.

Conforme Fairclough, 2001, p. 91 (apud Funck, 2007), para a articulação dos estudos de gênero com a Análise de Discurso, é importante destacar que, como prática social, o discurso não apenas representa o mundo e as relações nele existentes, mas é uma prática de significação, “construindo e construindo o mundo em significado”.

Convém lembrar ainda que, segundo o feminismo marxista, o gênero não existe fora de um contexto ideológico, não podendo, portanto, ser tratado como uma categoria isolada, e sim como parte de um processo de construção social e cultural. Além disso, o gênero trata não apenas de uma questão de diferença, que pressupõe simetria, mas uma questão de poder, onde nos deparamos com assimetria e desigualdade, com a dominação do feminino pelo masculino.

Uma das formas de se entender o lugar da mulher na sociedade é conhecendo a relação afetiva que a mulher estabelece com seus pares (companheiro, filho(s) e familiares). Até muito recentemente o trabalho das mulheres teve, em relação ao dos homens, um caráter complementar na sustentação da família, fazendo com que sua inserção fosse intermitente, em atividades de baixa qualificação e com conseqüente baixa remuneração.

O papel feminino na sociedade brasileira atribui às mulheres uma atuação predominante no espaço privado, o que pode explicar a pequena presença das mulheres, como protagonistas na cena política. Para as autoras Leila Machado

Coelho e Marisa Baptista, no texto *A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público* (Rev. psicol. polít. [online]. 2009, vol.9, n.17):

O mundo moderno atribuiu à mulher funções próprias do domínio privado, como os cuidados da casa e dos filhos, na manutenção de uma estrutura que permitiu aos homens o envolvimento com assuntos políticos e econômicos, próprios do domínio público. Mulheres e crianças passaram, ainda, a serem consideradas como frágeis e necessitadas da proteção masculina, numa divisão de papéis que tornou possível, segundo Rocha-Coutinho (1994), “o domínio do homem sobre a mulher, disfarçando-o sob a capa de proteção” (p. 152).

## **Análise do Discurso: o gênero no funcionamento do discurso**

A chegada de uma mulher ao cargo mais alto de uma democracia, a eleição da presidente Dilma Rousseff no ano de 2010, pode ser um claro sinal de um novo espaço a ser ocupado pelo sexo feminino perante a sociedade. Entretanto, em AD, mais do que a questão de gênero em si, o que nos interessa é compreender como um determinado discurso funciona e produz sentido. No caso, ressaltamos o gênero mais como contextualização do fato histórico da chegada da primeira mulher à Presidência da República. De agora em diante, nosso interesse é analisar o fio do discurso para compreender como a presidenta representa as mulheres.

Em significativa parte dos pronunciamentos nos 100 primeiros dias de seu governo, Dilma destaca que é a primeira mulher a ser eleita presidenta. Ela também reforça seu sexo através da troca da vogal ‘e’ pela ‘a’ no final da palavra presidenta que na Língua Portuguesa é indicadora do gênero feminino. Tal atitude pode ser entendida como uma forma ideológica de empoderar e reforçar a participação feminina na política. Para

Horochovski e Meirelles (2007):

[...] empoderar significa o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas.

Em seu pronunciamento de posse, realizado no dia primeiro de janeiro de 2011, Dilma utiliza a primeira vez a palavra ‘presidenta’, reforçando que vem para empoderar outras mulheres para também assumirem cargos políticos:

Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas; e para que – no dia de hoje – todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira (01 de janeiro de 2011).

Ainda no mesmo pronunciamento, ela destaca que sabe a histórica e ousada decisão do povo brasileiro em eleger uma mulher para decidir os rumos do país. “Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher. Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão”.

Em muitas passagens dos seus pronunciamentos, é possível perceber a preocupação que a Presidenta tem em demonstrar que através do nível de participação da mulher na sociedade, é possível apontar o nível de desenvolvimento de um país. Preocupação reafirmada quando Dilma escolheu a Argentina – governada também por uma mulher, Cristina Kirchner - para ser o primeiro país do exterior a receber sua visita.

Eu queria dizer que, para nós que somos

duas mulheres, as duas primeiras mulheres presidentas eleitas diretamente nos nossos países, eleitas pelo voto direto da população como presidentas, nós também assumimos um papel muito importante na questão da garantia da participação de gênero, porque a gente sabe que uma sociedade, ela pode ser medida pelo seu avanço, pela sua modernidade, desde que ela também assegure a participação das mulheres e a não-discriminação das mulheres (31 de janeiro de 2011).

Essa repetição da importância de uma participação mais significativa representativa da mulher na sociedade, demonstra e reafirma que a Presidenta sabe que essa participação ainda é pequena, elitista e precisa ser avançada. Prova disso é que no Brasil, o movimento feminista que ganhou espaço na década de 30 e prosseguiu em décadas seguintes, foi representado, principalmente, por mulheres brancas, escolarizadas e de classe média alta (Heringuer 2009, *apud* Alves 1980).

As mulheres trabalhadoras de baixa qualificação, as empregadas domésticas, as mulheres negras e indígenas foram personagens ainda pouco presentes da vida política nacional até o período da redemocratização política, e ao longo do século XX, mesmo marcado pelo crescimento econômico, mantiveram papel subalterno e de subemprego em áreas urbanas.

Essa imagem da mulher pobre e subalterna é ainda tão presente em nossa sociedade que até Dilma - que na maioria de seus pronunciamentos trata de empoderar a participação feminina na política e no mercado de trabalho - comete alguns deslizes em suas falas, reafirmando essa posição subalterna como se fosse a única possibilidade de atuação:

Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas; e para que – no dia de hoje – todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira (01 de janeiro de 2011).

No excerto recém citado, emergem valores conservadores, ou seja, evidencia-se a posição da mulher como se o papel dela fosse de auxiliar na complementação da renda e continuar ligada apenas ao seu ambiente familiar, desenvolvendo trabalhos atribuídos estritamente ao gênero feminino, como o preparo de alimentos e artesanato.

Lapsos no discurso, como os cometidos pela Presidenta nos cem primeiros dias de seu governo, podem ser muito bem analisados através da teoria da Análise do Discurso (também denominada como AD), sob a perspectiva da escola francesa fundada por Michel Pêcheux no final da década de 1960. Conforme define Orlandi (2005, p.25), essa teoria visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos do domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido.

Na AD, o lapso cometido por Dilma e citado acima é trabalhado pelo viés do equívoco, e ocorre devido a uma falha na estrutura da língua. Esse ato falho pode ser considerado um deslizamento de sentido, já que a Presidenta, em muitos pronunciamentos, costuma deixar clara a vontade de ver mais mulheres atuando em cargos de poder.

Devido a isso, é comum verificar em sua fala destaque para a presença da mulher em espaços públicos. Mas essas falas vêm acompanhadas – na grandemaioria das vezes – por qualificações técnicas de suas ocupantes, como uma forma de justificar para a sociedade, ainda predominantemente machista, que o espaço só pode ser ocupado por uma mulher, caso ela tenha excelente currículo profissional.

Aproveito e cumprimento a Graça Foster e, em nome dela, eu saúdo neste primeiro dia do mês de março, que é o mês do Dia Internacional da Mulher, todas as mulheres aqui presentes. A Petrobras é uma empresa, uma grande empresa,

e a Graça é a primeira mulher no Brasil a chegar ao cargo de diretora da Petrobras. Chegou pelos seus méritos, pelo fato de ser uma engenheira com especialização em Engenharia – se eu me lembro bem, Graça – de Poço. Ela entende daquele negócio de furar poço e achar petróleo. E, através dela, então, eu cumprimento e saúdo todas as mulheres funcionárias da Petrobras (01 de março de 2011).

#### Outro fragmento:

A minha querida presidente em exercício da Petrobras, Maria da Graças Foster. A Graça é a primeira mulher que participa do Conselho da Petrobras... No Conselho, não, desculpa, da diretoria da Petrobras. E ela chega à diretoria da Petrobras mostrando - e é uma coisa importante que a gente registre isso no mês da mulher - mostrando que a mulher é capaz de chegar à diretoria da maior empresa do Brasil não por alguma conexão pessoal ou por algum fato que não seja o seu mais absoluto profissionalismo. A Graça, além de ser uma pessoa experiente na área de prospecção e exploração de petróleo, esteve à frente de gasodutos vários neste país, inclusive o [gasoduto] Bolívia-Brasil, e também foi diretora-presidente da BR Distribuidora de Combustíveis e foi diretora-presidente também da área de Petroquímica da Petrobras. Então, ela está lá na diretoria da Petrobras pelos seus mais absolutos méritos, e ela está em exercício na Presidência, uma vez que o José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, está fora até esse final de semana (17 de março de 2011).

Mais um fragmento que demonstra a qualificação como justificativa de ocupação de um espaço público:

Queria cumprimentar também a Secretária de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, e por intermédio dela, eu vou cumprimentar os demais secretários do estado. Ela também é uma mulher extremamente qualificada, que só honra a nós mulheres, e ocupa um posto tão importante: a Dorothea Werneck (17 de março de 2011).

Nos três fragmentos citados acima é possível perceber a existência de certa preocupação da Presidenta em justificar a ocupação de cargos de prestígio no poder público devido – exclusivamente

– ao currículo de suas ocupantes. Seria pertinente questionar o porquê desta justificativa antecipada, que, na AD, pode ser entendida como uma forma de antecipação ao discurso–outro; no caso, Dilma experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar. Para Orlandi, em texto publicado (Fórum Linguístico, Florianópolis, n. 1 (73-81), jul.-dez. 1998, p. 76):

Todo sujeito (orador) experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador, constituído pelo jogo das formações imaginárias (a imagem que faz de x, de si mesmo, do outro). Cada um “sabe” prever onde seu ouvinte o espera. Esta antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva de todo discurso.

A autora prossegue explicando que a antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso, repousa o funcionamento discursivo da argumentação. “Argumentar é prever, tomado pelo jogo de imagens. Quer se trate de transformar o ouvinte ou de identificar-se a ele, a antecipação joga a partir das diferentes instâncias dos processos discursivos tal como acabamos de enunciar” (Orlandi, 1998, p.77).

Para Cazarin (1998, p.35), a antecipação é vista como a maneira que o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa:

Quando se diz algo, se diz de algum lugar da sociedade para alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. Há nos mecanismos de toda a formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso. Diante disso, é preciso considerar o lugar social dos interlocutores.

O lugar ocupado pela Presidenta é determinado através de uma estrutura social. Esse lugar constitui o seu dizer e suas palavras significariam de maneira diferente se falasse de

outro lugar. Nesse ponto, é possível trazer à tona a noção de interdiscurso, que pode ser definido como tudo o que já foi dito em algum lugar, em momentos próximos ou distantes e que tem um efeito sobre o que se está dizendo.

Segundo Orlandi (2005, p.53):

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as funções ideológicas.

Mesmo destacando em vários de seus pronunciamentos mulheres ocupantes de cargos públicos, como nos trechos: “Esperamos, não é, Rosalba, que sempre haja mais governadoras (21/02/2011); E um cumprimento especial à deputada Angélica Guimarães, primeira presidente da Assembleia Legislativa de Sergipe (21/02/2011); Ela também é uma mulher extremamente qualificada, que só honra a nós mulheres, e ocupa um posto tão importante: a Dorothea Werneck (17/03/2011)”, a presidenta, no nosso ponto de vista, ainda enfrenta dificuldades de romper com a construção social onde a mulher ainda é vista como frágil e coadjuvante no mercado de trabalho.

De acordo com Orlandi (1998, p. 78), as intenções - que derivam do nível da formulação - já foram determinadas no nível da constituição do discurso em que as posições do sujeito já foram definidas por uma relação desigual e contraditória com o dizer. Em seu pronunciamento no dia (01/03/2011), Dilma reafirma isso:

Eu cheguei aqui porque uma quantidade muito grande de mulheres saiu de suas casas e foi trabalhar; uma quantidade grande de agricultoras botou a mão na massa e foi plantar; uma quantidade grande de mulheres virou enfermeiras, professoras, professora, que tem de ser valorizada, empregadas domésticas,

médicas, mulheres enfermeiras, mulheres agentes de saúde. Enfim, mulheres em todas as áreas.

Segue outro fragmento:

E lembrar que tanto no Bolsa Família, quanto na agricultura familiar nós temos olhado com muito cuidado, com muito carinho para as mulheres. Porque as mulheres, elas são fundamentais quando se trata da família. Todo mundo aqui sabe que uma mãe, para deixar um filho sem dar de comer, ela... é quase impossível, ela prefere abrir mão da sua alimentação para o seu filho comer. Por isso as mulheres são aquelas titulares que nós preferimos para receber o cartão do Bolsa Família (01/03/2011).

Para encerrar, enfatizamos que na nossa compreensão os fragmentos de discurso apresentados nos levam à compreensão de algo que, em AD, se preza muito – o fato de que a linguagem não é transparente e que, por isso mesmo, é no funcionamento do discurso que ela significa, que produz sentidos. Maria do Rosário Gregolin, em texto publicado em (1997, p. 15), destaca que os efeitos de sentido materializam-se nos textos que circulam em uma sociedade. Como o interdiscurso não é transparente nem, muito menos, o sujeito é a origem dos sentidos, ninguém consegue enxergar a totalidade significativa nem compreender todos os percursos de sentido produzidos socialmente.

No caso dos 100 primeiros dias de governo da Presidenta Dilma, mesmo que ela tente reforçar a importância de uma maior presença feminina em cargos de prestígio e afirme que deseja que sua eleição seja inspiradora para que meninas também idealizem ser presidentas, ainda parece difícil para Dilma se desvencilhar do discurso dominante, aquele que coloca a mulher no papel coadjuvante das decisões.

## Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de**

**Estado**. 2a ed., Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BARBARA, Leila e GOMES, Maria Carmen Aires. **A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira**: Analisando os processos verbais. São Paulo: Artigo integrante da pesquisa realizada nos estudos de pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **Ocorrências de discurso irônico em textos de mídia impressa**. Revista V.1, No. 03. Mato Grosso: Universidade do Estado de Mato Grosso, 2004.

CAZARIN, Ercília Ana. **Heterogeneidade Discursiva**: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L.I. Lula da Silva. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, Série Dissertações de Mestrado, 1998.

\_\_\_\_\_. **Identificação e representação política**: uma análise do discurso de Lula. Ijuí, RS: Ed. UNIJUI, 2005.

COELHO, Leila Machado e BAPTISTA, Marisa. **A história da inserção política da mulher no Brasil**: uma trajetória do espaço privado ao público. Rev. psicol. polít. [online]. 2009, vol.9, n.17, pp. 85-99

FERNANDES, Carla Montuori. **As representações midiáticas de Dilma Rousseff no cenário Político Brasileiro**. v.5, n.14, p.69-85. São Paulo: Aurora: revista de arte, mídia e política, 2012.

FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. JN: (org). **Trocando ideias**

**sobre a mulher e a literatura.** Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

\_\_\_\_\_. Discurso e Identidade de Gênero. (org).

**Desvendando discursos:** conceitos básicos. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do Discurso e mídia:** a (re)produção de identidades. Vol.4, Nº 11. São Paulo: Comunicação, Mídia e Consumo, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERINGER, Rosana. **Gênero e raça no brasil: impasses e avanços.** Belo Horizonte: Sociedade Inclusiva/PUC-MG, 2008.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi e Meirelles, Giselle. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia da UFSC.** Florianópolis, SC, 2007.

MARECO, Raquel TiemiMasuda e ARCINE, Raquel de Freitas. **Dilma Rousseff na mídia mundial:** Efeitos de (im)parcialidade na veiculação dos resultados das eleições presidenciais 2010. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto:** formulação e circulação dos sentidos – Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos - Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é Linguística.** Brasiliense –

Campinas, SP: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Fórum linguístico,** Florianópolis, n. 1, 1998.

PÊCHEUX, Michel . Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1990(a).

**Artigo enviado em:** 09/12/2014

**Aceite em:** 02/02/2015